

Haddad e a cidade: novos ventos da renovação cultural

O discurso de posse do prefeito Fernando Haddad parece ter ido além das intenções e do seu significado simbólico. A ênfase que deu a cultura não tem paralelo na história recente na cidade. Luiza Erundina não acentuou tanto o desenvolvimento cultural em sua posse e nos seus discursos oficiais, mesmo se levarmos em conta que Marilena Chauí foi a mais destacada secretária de cultura da cidade de São Paulo após a ditadura.

Relembremos o que diz Haddad em seu discurso de posse, no dia 1 de janeiro de 2013:

“Eu sei que as tarefas não são tão simples. Há muitas outras a serem citadas. Eu falei da produção de conhecimento, da produção de cultura, como essência da própria cidade, a cidade não funciona, não apenas sem os empreendimentos que são conhecidos de todos, mas sem produção de conhecimento e cultura. Nós temos que patrocinar um ambiente favorável para que isso floresça cada vez mais, para que a força de São Paulo se expresse na produção científica, na produção cultural. E muito fará a Prefeitura de São Paulo se seguir o seu caminho de promover a cidadania no âmbito da cultura e da ciência. Nós somos, além de um centro produtor de serviços, financeiros inclusive, além da capital financeira do país, nós somos um centro irradiador de cultura e de conhecimento para o Brasil e para o mundo. Temos em nosso território a maior universidade da América Latina. Não falta inteligência disponível nem criatividade disponível na cidade de São Paulo. Muitas vezes falta articulação, e aí também cabe ao poder público convocar as lideranças científicas e artísticas para promover o bem-estar.

A cidade é, sobretudo o gozo, o encontro, o prazer da convivência, e a cultura e a ciência são ingredientes fundamentais desses eventos que tanto prazer causa a cada um de nós.

Eu sou daqueles que acredita não apenas que haja amor em São Paulo. Eu acredito que esse amor está pronto para se manifestar com cada vez mais força, com cada vez mais presença em nossa cidade.”

Praticamente dez por cento do seu discurso é dedicado à cultura. Algumas questões chamam a atenção de imediato: a primeira delas é o reconhecimento de que São Paulo é um centro produtor não apenas de serviços, de empreendimentos, mas que dispõe de inteligência e criatividade coletivas que podem levá-la ainda mais longe. Ora, nos últimos anos, o Estado não esteve na vanguarda de muitas iniciativas culturais relevantes. Estas estiveram com o SESC e com os institutos culturais dos bancos privados. Uma estrutura funcional defasada, equipamentos quase sem presença de equipamentos ativos nos bairros, a Lei Cultural que atende a poucos eleitos, que precisa urgentemente ser substituída, explica o quadro de a cultura estar em um lugar menor entre as políticas públicas, mesmo com a Virada Cultural, de grande visibilidade, mas de pequena expressão no campo do desenvolvimento cultural.

Mas Haddad deseja que a prefeitura crie um ambiente favorável para que a cultura floresça na cidade. Bravo! Este é o verdadeiro papel do Estado, que já se sabe, não é criador de cultura, mas facilitador de situações, de ambientes favoráveis, através dos incentivos, das políticas

públicas e da ação cultural. Nesse sentido, torna-se mais que necessário pensar em uma lei não apenas de mercado, que sirva verdadeiramente à produção cultural da cidade e novos concursos para agentes culturais, principalmente destinados a trabalhar nas extensas e carentes periferias. Também ampliar o programa VAI – centuplicar o seu alcance, e Pontos de Cultura em cada ambiente vital da diversidade. Criar um ambiente cultural incluyente é também exigir das subprefeituras linhas de desenvolvimento cultural local que fortaleçam o protagonismo e a autonomia dos grupos, gerando a construção de diversidades a partir da localidade.

O secretário Juca Ferreira, pela qualidade de sua passagem no Ministério da Cultura, poderá ser o gestor com essa visão – a de “culturalizar” a diversidade dos bairros. Mais: o poder público, segundo o discurso de posse, convocará as lideranças científicas e artísticas para promover o bem-estar. Isto não é pouco em se tratando de São Paulo; aqui temos um poder público com baixa capacidade de convocação, aliás, a convocação não tem sido o forte da gestão estadual e municipal dos últimos anos. E isto significa acreditar no debate público, nas oportunidades de diálogo, na ação descentralizada, no conselho municipal de cultura, nas conferências, nas auscultas socioculturais etc.

O Manifesto 2000 da UNESCO – Por uma Cultura de Paz e Não-Violência afirma que devemos “Ouvir para Compreender”. Portanto, a escuta deve compor o rol das ações e políticas públicas e a sustentabilidade democrática. Por falar em sustentabilidade, a ação da Secretaria de Cultura deverá alinhar-se a um conceito amplo de cultura e não apenas à cultura-arte, à cultura-É vento!, à cultura-erudição – mas ampliar o seu conceito para o desenvolvimento humano e sustentável, estimulando diálogos com outros segmentos, com a natureza e a comunidade dos seres vivos.

O que está em questão não é apenas o desenvolvimento das artes, mas uma ética sensível da vida, composta pela linguagem e o imaginário e os modos de sensibilidade da arte. Desenvolver a arte é também desenvolver a nossa capacidade de criar imaginação, emoção e pensamento. Como diz o prefeito eleito – não faltam nem criatividade e nem inteligências disponíveis para a construção da cultura como cidadania. E ele sintetiza muito bem: cultura é “a essência da própria cidade”. Sem cultura e conhecimento a “cidade não funciona”.

Vamos além: o papel da cultura não é apenas tornar mais vivos o pensamento e o imaginário, mas construir sanidade, restaurando o tecido social degradado por um modo de vida insustentável; a corrupção na política revela a corrupção que grassa nas ações cotidianas dos cidadãos, quando buscam soluções fáceis para a convivência. Trata-se de construir uma saúde plena – da nossa vida diária de sobrevivência aos pontos mais altos do imaginário, considerando que numa sociedade que não deseja tocar em suas zonas de conforto, desregramento também é saúde. Assim, é saudável a nossa dose de loucura criativa. Está cada vez mais claro que a cultura, além de elevar o espírito, tem a capacidade de curar. Nesta chave - a cultura cura.

Parece que estamos diante de um ponto de inflexão e de novos alinhamentos institucionais: é o momento de aproveitarmos a oportunidade para se pensar culturalmente a cidade e não apenas fortalecer grupos de interesse presentes nas ações de “clientelismo cultural”. A Prefeitura, através do secretário Juca Ferreira deve estar atenta para os novos diálogos

públicos, sua transparência e legitimidade, fugindo das pressões corporativas que levam em conta segmentos e não a diversidade ou a universalização dos direitos culturais.

Reencantar a cidade, criar ambientes favoráveis ao sensível, a novos paradigmas emergentes, a outros pensares fora das linhas da “normose cultural”, a cidade como um campo permanente de criatividade, enfim, formar mundos poeticamente habitáveis por seus cidadãos e todos os que possam fruir da sua magia – parece constituir o verdadeiro desafio da nossa urbanidade doentia.

Assim, pode-se acreditar mais na presença do Amor, desejo alvissareiro do novo prefeito, como uma poderosa força de coesão cultural da diversidade.

Ao que parece, a renovação cultural já começou com a eleição do novo prefeito.

Hamilton Faria é poeta, especialista em desenvolvimento cultural sustentável, coordenador do Instituto Polis e da Área de Desenvolvimento Cultural. Integra o Pontão de Convivência e Cultura de Paz e é consultor cultural da Casa dos Omaguás.